



**MODO DE VIDA RIBEIRINHO:** construção da identidade amazônica

**IÊDA RODRIGUES DA SILVA<sup>1</sup>**

### **Resumo**

O Referente trabalho apresenta o modo de vida ribeirinho ameríndios das terras de várzea, atores sociais distintos advindos da miscigenação de negros, índios, nordestinos e europeus de defasadas nacionalidades, dentre outros, dando surgimento segmento a determinadas comunidades tradicionais, que com sua relação com o território constroem uma identidade singular.

**Palavras-chave:** ribeirinho; territorialidade; identidade.

### **Abstract**

The present work presents the Amerindian way of life of the Várzea lands, different social actors from the miscegenation of blacks, Indians, Northeastern and European of outdated nationalities, among others, giving rise to a segment of certain traditional communities, which with its relation with the Territory construct a unique identity.

**Keywords:** riverain; territoriality; identity.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Serviço Social, Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Universitário do Marajó-Breves.  
E-mail: iedar.silva@hotmail.com.

## I. INTRODUÇÃO

Para compreender a diversidade das identidades das populações tradicionais<sup>2</sup> da Amazônia é necessário levar em consideração o espaço para onde o capital se volta, como um cenário de um desenvolvimentismo verticalizado desigual a fim de promover a integração e desenvolve-la a partir da economia, da política e da cultura trazendo um novo contexto a partir da década de 1960 na Amazônia, uma modernização distinta em diferentes lugares.

Castells (1999) apud Ribeiro (2007, p.04) explica o conceito de identidade como “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalecem sobre outras fontes de significado.” A diversidade territorial na Amazônia é compreendida através uma construção das múltiplas desigualdades ao longo da história, especialmente daquelas de caráter econômico, que produz a vivência com o lugar e a identidade para com ele. Podemos compreender que esta é produto da contradição existente entre o significado social e cultural no território amazônica expressa nos defasados modos de vivência acerca da população ribeirinha.

É preciso notar que a natureza é um componente a se considerar no que diz respeito à diversidade da Amazônia, principalmente quando se trata da compreensão dos modos de vida e das identidades das populações ribeirinhas. Existe um elo entre estas populações e os ecossistemas. É nesta relação com a natureza que as populações tradicionais constroem todo seu modo de vida a partir de um conhecimento empírico, que é transferido de pai para filho:

“através do senso prático que compõe um ethos ribeirinho que, junto com um conjunto de simbologias, mitos e rituais associados à caça, pesca e atividades extrativistas, compõe uma matriz de racionalidade ambiental muito particular de uso-significado da natureza” (CRUZ, 2011, p.07).”

A natureza constitui como um ambiente axial para a construção da vida do ribeirinho, além disso, os processos pelo qual as relações sócioespaciais e histórico-culturais concebem um sentimento de pertencimento por este território na qual propicia todos os seus membros compreenderem a vivência dos atores sociais amazônica.

---

<sup>2</sup> Populações tradicionais se caracterizam por ter relações de subsistência com a natureza com dependência nos ciclos sazonais. Como exemplo de populações tradicionais: os varzeiros, os quilombolas, os indígenas os caiçaras, os pescadores artesanais os caipiras, comunidades pantaneiras e ribeirinhas, os caboclos, seringueiros e outros povos extrativistas. (FILHO, 2006)

## II. MODO DE VIDA DO RIBEIRINHO AMAZÔNIDA

Quando se discute a identidade das populações que vivem na Amazônia, a comunidade ribeirinha é lembrada imediatamente como uma representação considerada natural da cultura amazônica. É a partir desta discussão que se vê a importância do rio e das matas em diversas perspectivas da região, como exemplo, o traçado da rede fluvial que faz a circulação tanto de pessoas quanto de mercadorias, que conseqüentemente deu o povoamento na Amazônia no início do século XVII.

Scherer (2004) caracteriza a região amazônica a partir de dois padrões de ecossistemas denominados de terras firmes que são áreas extremamente altas ocupadas por florestas que não estão sujeitas a inundações, e as terras de várzea que são as áreas baixas nas beiras dos rios conseqüentemente sofrem inundações periódicas em épocas de chuva pela baixa densidade por vários meses ao ano, esta por sua vez compõe a maior parte do território amazônico.

Quando os ibéricos vieram com o objetivo de ocupação, eles escolheram as terras de várzea por terem o maior número de nativos, formando vilas e aldeamentos que foram ampliados no *boom* da borracha. A partir disto os núcleos populacionais e a própria rede urbana que estava estritamente atrelada ao traçado dos rios foram se formando. É nestes espaços que os ribeirinhos vivem, em pequenas comunidades localizadas a beira dos rios, dispersos em casas de madeira, construídas em palafita.

As famílias ribeirinhas são estabelecidas pelo trabalho na roça e a participação da vida social e religiosa da população construindo sua própria organização, estratégia de adaptação, identidades e instituições. Acerca da religiosidade ribeirinha:

“A cultura religiosa católica das populações ribeirinhas, habitantes dos dois marajós (campos e florestas) na sua constituição histórica sofreu influências do catolicismo colonizador de matriz ibérica, da presença negra e nordestina, sem perder, contudo, aspectos de crenças míticas, lendárias, características de seu torrão de formação indígena.

Dando origem as formas de religiosidade mescladas, em que elementos provindos de outras culturas aqui foram ressignificados, muitas vezes em tons satíricos ou ganhando formas grotescas, habitantes marajoaras recriaram dimensões próprias de lutar pela preservação de seus saberes, tradições, linguagens, culturas.” (SARRAF, 2008, p.22).”

Através da mestiçagem adquiriram conhecimentos, valores de diversos povos e isso possibilitou desenvolver uma cultura flexível e até mesmo cosmopolita. A raiz europeia incorporou as comunidades ribeirinhas uma rede de compadrios, os povos amazônicos não vivem isolados no espaço-temporal, eles instituem relações de trocas materiais e simbólicas entre si e com as comunidades vizinhas. Enraizando uma rede de parentesco que se caracterizam por colaborar para o acesso aos recursos naturais manter uma ligação e uma reciprocidade mútua. Os laços de parentesco são estabelecidos por consanguinidade

referindo as relações biológicas afinidade através de casamentos endogâmico ou exogâmico<sup>3</sup>.

Estes dependem tanto da terra quanto da água para seu trabalho, este por sua vez é baseado nas atividades de subsistência como a pesca, a agricultura, a extração de produtos florestais, a caça, a criação de pequenos animais domésticos, comércio e ainda em pequenas madeireiras, todas estas atividades necessitam tem como norte o ciclo da natureza, pois é este que dita quando pescar, plantar e colher, se existir uma enchente, por exemplo, grande parte de suas atividades ficam comprometidas.

Ao utilizar da água do rio como fonte de subsistência, é usada tanto para beber, tomar banho e lavar utensílios domésticos quanto para realizar atividades como à pesca, com instrumentos como o anzol e linha, tarrafa, matapi, rede de arrasto e batção. Os principais peixes da região marajoara segundo Miranda Neto (2005, p.107) são “acari, apaiari, aruanã, aracu, bagre, cachorro-de-padre, jeju, mandií, mandubé, pescada, piranha, tainha, tambaqui, tamuatá, traíra, e tucunaré”.

Geralmente as atividades de pesca são feitas pela noite, há algum tempo atrás era possível ter fartura de peixes para a família inteira, atualmente o que se pode perceber é que há uma ausência dos peixes devido à comercialização monopolizada e mau uso dos instrumentos de pesca quando as malhas das redes predem filhotes que não são aproveitados e isso desestabiliza a economia de subsistência do ribeirinho, ele tem que ficar mais tempo esperando pegar o pescado, com isso tem menos tempo para poder trabalhar na agricultura e no extrativismo, então eles tem que fazer o plantio em maiores quantidades para engendrar excedente para o comercio de exportação especialmente para Belém e seus arredores, ganhando assim dinheiro para compra de outros alimentos para suprir a falta de peixe na comunidade local, porém a venda deste excedente só ocorre quando há uma grande demanda de peixe, não há um grande preocupação com este, sua economia é voltada para o sustento da família.

É feita a extração de produtos florestais como açaí, castanha-do-pará, piquiá, o cupuaçu, o palmito do açaí e da pupunha, Miranda neto (2005, p.105) identificou os vegetais oleaginosos como “o cumaru, o murumuru, o pracaxi, a andiroba, a ucuúba e o patauí” suas sementes ou amêndoas fornecem óleos para diversos produtos de beleza já industrializados. Portanto, estes produtos têm sido descobertos por varias indústrias nacionais e internacionais de alimentos, fármacos e cosméticos, como por exemplo, a Natura<sup>4</sup>, as comunidades vendem as resinas, óleos, essências aromáticas para estas empresas. É uma atividade informal, embora uma grande parte dos ribeirinhos vivem desta

<sup>3</sup> Exogâmico são casamentos entre pessoas de comunidades diferentes, ou o homem ou a mulher se desloca da de sua comunidade para outra, em alguns casos, famílias inteiras.

<sup>4</sup> Empresa brasileira de cosméticos

atividade, principalmente aqueles que desenvolvem práticas de preservação em áreas florestais.

A lavoura de subsistência é extensa e itinerante, ou seja, a agricultura é feita por determinados períodos e depois de cultivada a terra perde sua propriedade produtiva e assim a lavoura é feita em outro local. O que predomina na região é a agricultura da mandioca, planta rústica, raiz que constitui um dos alimentos básicos nas mais diversas formas (farinha, mingaus, bolos, maniçoba, tucupi e tacacá) do amazônica. O sucesso de sua produção é pelo fato desta crescer facilmente em solos pobres.

Dentre as árvores que fornecem madeira-de-lei<sup>5</sup> Miranda Neto (2005, p. 105) destaca: “cedro, jaruba, angelim, bacuri, ipê, gonçalo-alves, andiroba, maçaranduba-do-Pará, cumaru, itauba, pau-marfim, pau-tartaruga, ucuúba e ubussu”, existem algumas serrarias menores que serram a madeira chamada virola para fazer o chamado “quadrado” e vendê-lo ainda bruto para as fábricas de cabo de vassoura.

Em algumas famílias a alimentação diária é complementada com alimentos industrializados, não é necessário elas irem às cidades vizinhas fazer as compra, algumas vilas tem um pequeno comercio que vende até vende para pagar no outro mês, porem com preço bastante elevado em relação aos preços da cidade. A maioria dos donos da serraria tem este pequeno comércio, e quando seus empregados compram alimentos é descontado no seu salário.

Cada comunidade têm sua igreja que pode ser católica ou evangélica, e um salão para organização de festas. Também tem escolas que geralmente vão até a quarta serie do ensino fundamental. Pelo menos uma vez ao mês têm agentes comunitários fazendo visitas as comunidades.

Os meios de transporte utilizado pelo ribeirinho recebe o nome de casco ou montaria, uma canoa primitiva feita de um tronco escavado por processos manuais rudimentares, sem toldo e sem vela utilizando apenas o remo para navegar, porém este foi adaptado pelos ribeirinhos usando motor a gasolina em que eles o chamam de “rabetá ou biqueta”, em relação ao transporte:

“Como o cavalo do árabe, a canoa é o veículo da gente das ilhas. Ninguém se transporta de um sítio ao outro do encantado meandro, por mais perto que seja, se não no banco das montarias, [...] os defuntos vão para a cova embarcados, embarcados vão os noivos, os padrinhos, as procissões, os namorados, os músicos. O rio é a rua.” RAIMUNDO MORAIS (1938) *apud* MIRANDA NETO (2005, p.117).

Sendo assim, a vida cotidiana do ribeirinho se estabelece pelas relações constituídas com e através do rio e das florestas. Deste modo o rio e a mata são *sine qua non* para a vida dos que habitam nas suas proximidades, eles proporcionam os meios de

---

<sup>5</sup> Madeira nobre, conhecidas por sua qualidade e resistência.

sustento, comunicação e transporte, mas também são vistos com aspectos imaginários onde se constituem as mitologias amazônicas. Acerca desta questão pode-se afirmar:

“[...] um espaço onde o imaginário tem lugar não com características de superstição mas de valores que interferem na relação do homem com seu habitat, contribuindo para sua conservação [...] para os habitantes das margens dos lagos do Médio Amazonas existe a crença na ‘cobra grande’, uma imensa cobra que habita o fundo do lago, ‘existem varias delas’... ‘Ela tem dia, hora e lugar onde aparece e corre sobre as aguas, antecipada por estrondos e espantos de aves e animais, e toda natureza da sinal dela; vem sempre em noite de lua, ela persegue quem encontra, a gente há de não mexer com ela, se amoiar longe das beiradas dos rios e dos lago pra se protege dela’, dizia-me um pescador.” FURTADO (2009, p.68)

### III. INVISIBILIDADE E SEUS EFEITOS NA SAÚDE

Falar dos povos da Amazônia requer um conhecimento do desenvolvimento histórico da região. Nos últimos 60 anos a Amazônia se estabeleceu diversas tentativas de desenvolvimento alimentadas pela ideologia de integração para a região. Com a elaboração e implementação de planos, projetos e programas se estabeleceu um esforço de trazer pessoas e gerar desenvolvimento econômico na região.

Esperava-se que com os megaprojetos houvesse uma evolução nos empreendimentos para melhorar a economia e limitar as probabilidades de países estrangeiros tentarem dominar as populações nativas e os recursos naturais. No entanto os resultados das políticas não foram satisfatórios, estes contribuíram para a drástica transformação da Amazônia levando-a a um longo processo de expansão demográfica, mudanças culturais dos nativos e outras como cita Hilton P. Silva (2006):

“os principais resultados [...] têm sido a degradação ambiental, a extinção de fauna e flora, o êxodo rural, o aumento da densidade populacional em áreas peri-urbanas, a favelização de famílias expulsas do campo e profundas alterações das relações sócio-econômicas tradicionais entre as populações locais”. (p.324)

Populações esquecidas caracterizando pouco investimento nestas pelo poder público e escondidas no estereótipo de trabalhador rural continuam a crescer constantemente desde a era gomífera. Muitas comunidades vivem em áreas de difícil acesso com pouca ou nenhuma infraestrutura de serviços públicos, com isso seus padrões de vida são limitados e ficam sujeitos a precariedade, segundo Silva (2006) as comunidades tradicionais não recebem atenção por características genéticas mestiças e culturais advindas da falta de organização social, o que os define como povos invisíveis.

O ribeirinho enfrenta inúmeros problemas de saúde, alguns não sabem nem ler nem escrever. A má condição sanitária e a má alimentação têm refletido na alta prevalência de adultos e crianças. Em particular na nas áreas ribeirinhas o acesso à assistência medica é raro. Sabe-se que existem poucos agentes comunitários de saúde. Quando os ribeirinhos necessitam de assistência médica são obrigados a se deslocar aos postos de saúde do

município mais próximo depois de longas viagens nos barcos, canoas ou rabetas. Quando não conseguem viajar para as cidades vizinhas utilizam do seu conhecimento empírico, as plantas medicinais. Os indicadores mais sensíveis quando se fala em saúde é a questão da subnutrição em crianças, associadas à má alimentação trazendo consequências como atraso/falha de crescimento, no Marajó cerca de 41% das crianças de 0 a 10 anos sofre com a prevalência de subnutrição, segundo estudo de Silva (2006).

Apesar da baixa produtividade e vulnerabilidade social em que estes ribeirinhos se encontram, estes vêm se adaptando as várzeas e as florestas dos Marajós, porém ainda há muito que se fazer junto de políticas públicas na área da saúde e trazendo estas populações para o debate e participação voltadas para a melhoria da qualidade de vida das mesmas.

### **3 IDENTIDADE RIBEIRINHA E A TERRITORIALIDADE**

Ao longo da história ficou evidente no imaginário social um conjunto de representações e símbolos a respeito do território da Amazônia e especialmente em relação às populações tradicionais da região, tomando como exemplo os ribeirinhos. Essas representações afirmaram maneiras defasadas de enxergar a identidade das populações ribeirinhas que na maioria das vezes conduz a invisibilidade da população amazônica.

As discussões acerca do tema identidade são repletas de questionamentos teóricos, portanto será necessário levar em conta uma série de implicações fundamentais para compreender a constituição da identidade de tais populações. Cruz (2011) discute três maneiras de enxergar a identidade dos ribeirinhos.

O primeiro olhar é a partir de uma visão naturalista que ignora a identidade amazônica, por olhar a região somente como fonte de recursos naturais e como um conjunto de ecossistemas. Esta visão é tida como a mais comum na região por trazer ideologias que reforçam a inexistência e a invisibilidade das populações tradicionais, desconsiderando a historicidade e cultura destes atores sociais afirmadas a partir da diversidade territorial de grupos defasados na sua diversidade social.

É necessário superar esse modo de ver a Amazônia, pois esta oculta à existência das populações na Amazônia é preciso compreender a realidade incluindo na natureza o aspecto social e cultural na constituição da identidade dos ribeirinhos analisando temporalidade bem como suas peculiaridades de tradição e a o movimento com a natureza. É nestas duas particularidades que o espaço-temporal e o modo de vida podem ser compreendidos. Há uma imensa relação dos ribeirinhos com a natureza, sendo que a dinâmica da natureza norteia e produz os acontecimentos cotidianos destes, as ações de

sobrevivência do ribeirinho se repetem periodicamente de acordo com o movimento das águas e do sol.

Uma segunda maneira de ver a região é através de um olhar idílico do ribeirinho, onde se vê a rica diversidade cultural das ditas populações tradicionais como natural e não como algo que foi produzido socialmente no decorrer da história. A identidade ribeirinha é vista como autêntica, o ribeirinho original que ainda não teve sua identidade sufocada pela globalização, porém, esta autenticidade é tratada como algo isolado do processo histórico sócio-espacial e cultural da região, uma visão lúdica que ignora que a identidade e as diferenças são construídas por conflitos e contradições, não apenas por representações simbólicas, mas pela desigualdade e exclusão social engendrado pelo Desenvolvimentismo Verticalizado na Amazônia.

A tradição também é de grande importância para a organização territorial dos ribeirinhos por inserir atividades e/ou experiências das populações tradicionais e valorizar as representações simbólicas ao longo da história, experiência que é passada de pai para filho a cada ciclo. Desta forma o que é repassado para os descendentes será sempre reinventado conforme a citação abaixo:

“Decerto, as identidades não são absolutas, prontas e acabadas. Elas se estabelecem no convívio social, no qual se cria e recria constantemente o sistema de valores e crenças, a compreensão do sentido de objetos, ações e relações interpessoais em um determinado grupo, caracterizando-o perante os demais.”  
RIBEIRO (2007, p.04)

É preciso compreender que a história está em constante movimento, ela é fruto de toda uma construção histórica e social que ao passar dos anos seu teor é reelaborado pelas mudanças e transformações a partir de contradições e relações de poder geradas na Amazônia, seja elas econômicas, sociais, políticas e culturais. E mesmo na sua totalidade, ela apresenta algo indeterminado e inacabado.

Assim o debate sobre a identidade não irá se reduzir somente à necessidade existencial de “quem sou eu?”, mas ainda “quem eu posso me tornar?”. A constituição da identidade do ribeirinho não tem a ver só com as suas raízes. Ela é resultado de uma construção histórica e social que não pode se perder na ideia de algo que não se transforma, pois os processos de identidade e os vínculos adquiridos de pertencimento se formam tanto pelas gerações que traduzem o que é único de cada cultura através de práticas e vivências do ribeirinho, quanto pelo caminho que será percorrido por ele, o que vem a ser definido a partir de circunstâncias que mobilizam as populações para um outro norte podendo na maioria das vezes ser efêmero, como exemplo a construção da Usina de Belo Monte em que trouxe vários impactos afetando as comunidades ribeirinhas que necessitam da natureza para sua subsistência.





E por último, mas não menos importante, um olhar moderno que causa conceitos infundados da cultura de tais populações. Esta visão esta centrada em um conjunto de representações e símbolos marcados por pré-conceitos, preconceitos e questões sociais e culturais que compreende a historia a partir de uma versão etapista, as populações ribeirinhas são denominadas atrasadas e improdutivas em relação aos tempos e espaços que são modernos, avançados e produtivos. Esta visão se exprime nas ideias de que essas populações são rústicas e primitivas. É de este olhar que se atribuiu às populações ribeirinhas o estereótipo de caboclo. Isso explica o racismo sofrido a estas populações e sua categorização incerta, ainda é evidente o modo pela quão às populações da Amazônia é referido por alguns literários como: moradores, ocupantes, povos.

Como podemos perceber a identidade ribeirinha é uma identidade territorial por ser construída a partir de representações simbólicas e empíricas das comunidades sociais com o território. As identidades territoriais são traçadas no e pelo processo de apropriação do espaço entre as relações de poder. No entanto se pode assegurar que em todo processo de territorialização as identidades se constituem, não se pode afirmar que toda identidade é dada a partir de um território, nem toda identidade constrói territórios, pois todas estão situadas no espaço-temporal, mas apenas algumas têm seu ponto referencial no território. Acerca do entendimento da construção de uma identidade a partir do território implicam-se dois elementos essenciais como:

O espaço de referência identitário que é referente ao espaço e tempo onde se alcança o conhecimento social e cultural é neste espaço que são urdidadas as práticas e representações que estabelecem o sentimento e o significado de pertencimento das comunidades em seu território. A localização geográfica é mencionada como referência para a construção da identidade nas dimensões físicas naturais, sociais e simbólicas. Tomamos como exemplo a atribuição do rio como espaço de referência da identidade amazônica, o rio é uma paisagem natural e essencial para a população ribeirinha por ser um local como fonte de recursos naturais (para realizar atividades de subsistência) e também como meio para a locomoção, como foi mencionado anteriormente. É onde se entrelaça as tramas e dramas sociais que constroem a maneira de viver do ribeirinho com seus conhecimentos, fazeres e sociabilidades do dia-a-dia. E como espaço simbólico ele é a centralidade do fantasioso, invenção e produto das crenças, lendas, e mitos em conjunto com a floresta e o mundo das águas, estes são ambientes essenciais na construção cultural ribeirinha e logo, um importante referencial para a constituição da identidade na Amazônia.

Como segundo elemento para a construção da identidade na Amazônia, está à acepção de pertencimento, os laços de dependência recíproca e de união que constroem sentimentos de pertença e de consideração com pessoas ou um grupo a respeito de uma

comunidade, de um espaço, de uma região não é algo natural, faz parte de uma construção histórica relacional e contrastiva, por muitas vezes haver conflitos entre identidade que atribuem o auto-reconhecimento e identidades que atribuem o conhecimento ao outro. É nessa trama de significados de reconhecimento e alteridade<sup>6</sup> e o conflito entre os grupos que urdem a consciência de pertencimento e as identidades.

Em relação à consciência de pertencimento a um espaço, a uma região, esta é constituída a partir de práticas e representações de um local envolvendo a direção sobre um determinado espaço e a assimilação simbólico e/ou significativa do lugar. A direção do espaço está atrelada às representações do espaço concebido, e a apropriação deste está ainda mais atrelada às práticas espaciais e aos espaços simbólicos vividos. É nesta relação entre comando e apropriação em meio ao vivido e concebido que é constituída a condição de pertencimento sócioespacial.

Assim, para obter a compreensão da identidade das comunidades ribeirinhas na região Amazônica é preciso ter a noção de suas culturas, sua maneira de vida, suas territorialidades, seus conhecimentos e práticas vivenciadas dia-a-dia. É a partir do empírico e do concebido que se constituem a consciência de pertença sócioespacial e as identidades territoriais.

#### **IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Discurso do Desenvolvimento Verticalizado e as diferentes devastações da natureza Amazônica traduz um afastamento das comunidades tradicionais as suas diversidades, esta devendo ser entendida de maneira singular de modo a não identificar o amazônida como primitivo.

Podemos perceber que o ribeirinho não está estático no tempo, embora mantenha suas práticas tradicionais, ele recebe influências diversas da sociedade moderna. Sua identidade depende dos caminhos a serem percorridos, das relações de pertencimento, sobretudo, aqueles envolvidos em um processo tragando consequências nefastas da colonização. Nesta sociedade de conflitos e contradições a identidade ribeirinha deve ser vista como uma dinâmica constante que se busca refazer e reinventar sua própria historia.

Apesar dos inúmeros mecanismos de direitos que a população ribeirinha possui ainda há um completo descaso referente à saúde e educação desta população. O amazônida não pode mais ficar esquecido à beira dos rios ou das estradas a espera de possibilidades de desenvolvimento que os considere como sujeitos de sua própria historia. A

---

<sup>6</sup> Caráter do que é diferente; que se opõe a identidade.



iniciativa de dar visibilidade às comunidades ribeirinhas pressupõe inseri-los em um contexto de mudanças e transformações históricas que permeiam o sistema social, econômico, político e cultural da atual sociedade. Segundo Miranda Neto (2005) é necessário criar mecanismos que possam facilitar e possibilitar a participação destas comunidades nos processos das tomadas de decisões do poder implicando em um projeto construindo por todos os cidadãos conhecendo a região e as comunidades que nela habitam, e principalmente reconhecendo suas diversidades étnicas e culturais.

## 5 REFERÊNCIAS

ADAMS, Cristina et al. **O pão da terra: da invisibilidade da mandioca na Amazônia.** Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade. São Paulo, FAPESP, 2006.

BARBOSA, Maria José de Souza e SÁ, Maria Elvira Rocha de. **A Questão Social na Amazônia no capitalismo contemporâneo: O Estado do Pará em Foco.** In: SCHERER, Elenise. Questão Social na Amazônia. Manaus: EDUA, 2009.

COSTA, João Batista de Almeida. **A (Des)Invisibilidade dos Povos e das Comunidades Tradicionais: A Produção da Identidade, do Pertencimento e do Modo de Vida como Estratégia para Efetivação de Direito Coletivo.**

CRUZ, Valter do Carmo. **Rio como Espaço de Referência Identitária na Amazônia: Considerações sobre a Identidade Ribeirinha.** In: XIV Encontro Nacional da ANPUR. Rio de Janeiro, RJ. 2011.

FILHO, Henyo. **Populações tradicionais: introdução da crítica da ecologia política de uma noção.** In: ADAMS, Cristina (org) et al. Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade. São Paulo, FAPESP, 2006.

FURTADO, Lourdes Gomes. **Comunidades tradicionais: sobrevivência e Preservação Ambiental.** In: D' Incao, Maria Ângela e Silveira Isolda Maciel (org) A Amazônia e a Crise da Modernização. Belém, ICSA/Goeldi, 2009.

FUTEMMA, Célia. **Uso e acesso aos recursos florestais: os caboclos do Baixo Amazonas e seus atributos sócio-culturais.** In: ADAMS, Cristina (org) et al. Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade. São Paulo, FAPESP, 2006.

NETO, Miranda. **Marajó Desafios da Amazônia.** Belém; EDUFPA, 2005

RIBEIRO, Adilton Pereira. **Do Rio à Cidade: A (Re)Produção de uma Identidade Territorial Ribeirinha no Bairro do Jurunas, em Belém-Pa.** In: XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Belém,Pa, 21 a 25 de maio de 2007.

SARRAF, Agenor Pacheco. **Oralidades e letras em encontros nos “marajós” ribeirinhos e religiosos urdindo identidades culturais.** COLETÂNEAS DO NOSSO TEMPO, 2008, Rondonópolis, p15 a 38.



SCHERER, Elenise. **Mosaico Terra-Água: A Vulnerabilidade Social Ribeirinha na Amazônia – Brasil.** In: VIII Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais; Coimbra, POR. Universidade de Coimbra, 2004.

SILVA, Hilton P. **Sócio-ecologia da saúde e doença: Os efeitos da invisibilidade nas populações caboclas da Amazônia.** In: ADAMS, Cristina (org) et al. Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade. São Paulo, FAPESP, 2006.